

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM LETRAS

PALAVRAS E EXPRESSÕES PARINTINENSES NO COTIDIANO DE
ESTUDANTES DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE PARINTINS/AM

PARINTINS-AM

2023

KARINA BRANDÃO FIGUEIREDO

PALAVRAS E EXPRESSÕES PARINTINENSES NO COTIDIANO DE
ESTUDANTES DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL, EM UMA ESCOLA
PÚBLICA DE PARINTINS/AM

Monografia apresentada à
Universidade do Estado do
Amazonas – UEA, como exigência
parcial para obtenção de grau de
licenciado em Letras

ORIENTADORA: MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO

PARINTINS-AM

2023

KARINA BRADÃO FIGUEIREDO

PALAVRAS E EXPRESSÕES PARINTINENSES NO COTIDIANO DOS
ESTUDANTES DO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM UMA ESCOLA
PUBLICA DE PARINTINS

Monografia apresentada Universidade do Estado do Amazonas como
exigência parcial para obtenção de grau de licenciatura em Letras.

APROVADA EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

MARIA CELESTE DE SOUZA CARDOSO (ORIENTADORA)

LUIS ALBERTO MENDES DE CARVALHO (AVALIADOR)

KATRIANA JACAUNA FARIAS FERREIRA (AVALIADORA)

DEDICO

Á minha mãe, Estela Aranha Brandão, pelos cuidados, incentivo e exemplo de vida. Ao meu pai, Cesarnilson Silva Figueiredo, por sempre ser companheiro e forte por mim. Ao meu querido esposo, José Dorval da Costa Reis, pela compreensão, incentivo e parceria de todos esses anos de caminhada. A minha querida filha, Anna Karine Figueiredo Reis que me faz lutar todos os dias por nossa felicidade e a meu querido tio, Wilker Silva Figueiredo pela inspiração, incentivo e apoio nos momentos mais difíceis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me permitir hoje estar aqui escrevendo este trabalho de conclusão de curso, apesar dos anos de luta por minha saúde. A minha orientadora Msc. Maria Celeste de Souza Cardoso pela força, dedicação, compreensão e paciência. A toda minha família e amigos que estiveram comigo nos momentos difíceis, e àqueles que de forma direta e indireta contribuíram com a minha formação.

RESUMO

Este trabalho é embasado em pesquisa bibliográfica e apresenta resultados de uma análise feita em palavras e expressões parintinenses no cotidiano dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública de Parintins. Propõe uma reflexão sobre as variações linguísticas da localidade falada pelos alunos e o português padrão ensinado pela escola. Esta, fundamenta -se nos seguintes teóricos, Sergio Freire (2011), Irlandé Antunes (2012), Marcos Bagno (2009) e outros. Para coleta de dados utilizou- se a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, onde foram lançados questionários em duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental. A partir desse material foram coletados resultados da análise feita nos questionários dos alunos e também nas entrevistas feitas com as professoras de cada uma das turmas. Os resultados apontam que as palavras e expressões estão presentes em sala de aula, no entanto, sendo trabalhada de forma menos evasiva pelos professores, que também são responsáveis por ensinar o português padrão.

PALAVRAS-CHAVE: Palavras; expressões; variações linguísticas; português padrão.

ABSTRACT

This work is based on bibliographic research and presents the results of an analysis made in Parintinenses words and expressions in the daily life of students of the 8th grade of elementary school in a public school of Parintins. It proposes a reflection on the linguistic variations of the locality spoken by the students and the Portuguese the standard taught by the school. This is based on the following theorists, Sergio Freire, Irlandé Antunes, Marcos Bagno and others. For data collection, bibliographic research and field research were used, where questionnaires were launched in two classes of the 8th grade of elementary school. From this material were collected results of the analysis made in the questionnaires of the students and also in the interviews made with the teachers of each of the classes. The results indicate that the words and expressions are present in the classroom, however being worked in a less evasive way by the teachers, who are also responsible for teaching the Portuguese standard.

Key-words: Words; Expressions; linguistic variations; Standard Portuguese

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO I	08
1.1 LINGUA, LINGUAGEM E FALA	08
1.2 O ESTUDO LINGUISTICO DA SEMÂNTICA	12
1.3 A SEMÂNTICA NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	15
CAPÍTULO II: METODOLOGIA	17
CAPITULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
3.1 ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E ANÁLISE DA PESQUISA	19
3.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	20
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA RESPONSÁVEIS PELAS TURMAS	25
3.4 PALAVRAS E EXPRESSÕES A PARTIR DOS QUESTIONARIOS DOS ALUNOS	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

INTRODUÇÃO

Parintins é berço da cultura popular amazonense e concentra mais de 115.000 habitantes. Essa é uma população composta por ribeirinhos, indígenas, populações quilombolas e descendentes de outras regiões do país e também de outros países. Consequentemente, isso resulta em uma grande mistura de costumes e culturas, que influenciam na composição do linguajar. Parintins não possui um dialeto diferente, há variação linguística da Língua Portuguesa o que não muda a cada geração e, sim, evolui gradativamente. Poderíamos estar inseridos em uma comunidade de fala, sob a perspectiva sociolinguística, por conta das **peculiaridades da nossa fala Parintinense e suas particularidades** que muda a cada geração.

Cada pessoa carrega consigo sua cultura e costumes, pequenos fragmentos que ajudam a compor o dialeto usado no Amazonas). Assim, os nascidos na cidade de Parintins/AM são conhecidos também por seu jeito [peculiar] de se comunicar e por suas ricas expressões [idiomáticas], o que muitos chamam de “caboquice”. O falante parintinense guarda suas características, no seu linguajar [particularmente] diversificado. Tem desde o “oi mana” ao “olha já”.

É muito importante destacar que também dentro do próprio Amazonas existem palavras variadas tendo o mesmo significado, dependendo do território ou comunidade linguística, assim como nomes associados ao mesmo objeto, como por exemplo o “flal” em Parintins, para o “dindin” de Manaus, que se trata de um mesmo geladinho, porém com nomes diferentes em diferentes partes do Amazonas.

Partindo desse pressuposto, a pesquisa aqui apresentada foi feita em uma escola de Parintins, com alunos de uma determinada série, de uma igual faixa etária, para que fosse feita uma melhor coleta de dados sobre palavras e expressões parintinenses. Os pré-adolescentes que participaram desta pesquisa costumam ter muita curiosidade e carregam consigo tudo aquilo que ouvem ou veem, por este motivo se tornou, interessante executar esta pesquisa com um determinado grupo sendo de crianças ou adolescentes. Além disso, as professoras entrevistadas relatam que também enfrentam alguns desafios em sala de aula, precisa ser revistos para buscar os melhores métodos de ensino-aprendizagem, para se trabalhar as variações linguísticas dentro da sala de aula.

Portanto, a partir desta temática se deu o desenvolvimento deste trabalho, que busca analisar palavras e expressões parintinenses no cotidiano dos estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental [I] em uma escola pública de Parintins.

CAPITULO I: REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Língua, Linguagem e fala

A língua, linguagem e fala são os principais conceitos dentro de um contexto social que contribuem para organização, compreensão e comunicação entre os seres humanos. Sendo assim, cada conceito tem seus aspectos diferentes em relação à comunicação humana. “A língua é uma entidade caleidoscópica que simula para o falante uma falaciosa homogeneidade, nessa simulação, entram dois níveis: o nível linguístico e o nível discursivo” (Freire, 2011, p.15). De acordo com Terra (1997, p. 12), “embora, popularmente, a maioria das pessoas utilize as palavras linguagem, língua e fala para designar a mesma realidade, do ponto de vista linguístico, esses termos não devem ser confundidos”. Sendo assim, a língua, a linguagem e a fala têm caráter metodológico, tendo cada um seu conceito. Ainda Terra (1997; p.13) destaca:

A língua é a linguagem que utiliza a palavra como sinal de comunicação. Por tanto a língua é o aspecto da linguagem. Trata-se de um sistema de natureza gramatical, pertence a um grupo de indivíduos, formado por um conjunto de sinais (as palavras) e por um conjunto de regras para combinação destes. É, portanto, uma instituição social de caráter abstrato exterior aos indivíduos que a utilizam, que somente se concretiza, através da fala que é um ato individual de vontade e inteligência.

O fenômeno linguístico é um tema muito importante, pois é capaz de explicar as variações linguísticas entre outros assuntos relacionados. Para além da mudança linguística existe um conjunto de consequências sociais, culturais e ideológicas que influenciam a língua, linguagem e fala de determinada comunidade. Segundo Bagno (2007, p.60), quando o tema é língua, a sociedade vê dois conceitos bem definidos:

- 1) O discurso científico, embasado nas teorias da linguística moderna, que atrapalha com as noções de variação e mudança;
- 2) O discurso do senso comum, impregnado de concepções ultrapassadas sobre a linguagem e de preconceitos sociais fortemente arraigados, que opera com a noção de erro.

No contexto da língua, a questão que rodeia a sociedade sobre “erro”, tem o mesmo sentido de “certo” ou “errado”, conseqüente de uma visão de mundo, de

ideologias, crenças, entre outros. Assim, sendo sentenciada a mudar com o tempo. Portanto, a língua se transforma com o tempo, quando o entendimento entre “certo” e “errado” também muda. Partindo desse pressuposto, Bagno (2007) propõe três opções possíveis para tratar os fenômenos de variação e mudança de língua materna:

- a) desconsiderar as contribuições da ciência linguística e levar adiante a noção de “erro”, insistindo no ensino da gramática normativa e da norma-padrão tradicional como única forma “certa” de uso da língua;
- b) aceitar as contribuições da ciência linguística de desprezar totalmente a noção de “erro”, substituindo-a pelos conceitos de variação e mudança;
- c) reconhecer que a escola é o lugar de interseção inevitável entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania (Bagno, 2007, p.78)

Através do que foi exposto, podemos perceber que a língua tem um processo de transformação, que apesar das inúmeras variações não pode ser considerada estável, ou seja, é impossível de ser considerada constante, pois vive um processo acelerado de transformação. De acordo com Terra (1997, p.21), “toda língua possui uma estrutura – a sua gramática - que o falante, aprende desde cedo. Uma pessoa só consegue usar a língua se conhecer essa estrutura de modo completo”. Para Freire (2011, p.15), “a língua é uma entidade caleidoscópica que simula para o falante uma falaciosa homogeneidade. Nessa simulação, entram dois níveis: o nível linguístico e o nível discursivo”.

Para a linguagem é dada a definição como sendo um sistema de sinais convencionais que possibilitam a comunicação entre as pessoas. Conhecemos vários tipos de linguagem como a língua dos surdos, que é conhecida como Libras e tantas outras formas de linguagem. De acordo com Terra (1997), o sistema de sinais de que a linguagem se utiliza divide-se em:

Verbal: aquela cujos sinais utilizados para atos de comunicação são as palavras.

A língua que você utiliza para atos de comunicação é a linguagem verbal. A palavra verbal provém do latim verbale, que por sua vez, provém de verbu, que significa palavra.

Não-verbal: aquela que utiliza para atos de comunicação outros sinais que não são palavras (Terra, 1997, p.12)

A fala também é de grande importância neste espaço linguístico, por ser a utilização da língua pelo indivíduo, permite que de forma individual a pessoa se desenvolva, podendo opinar pela língua que o convém, levando em consideração o

contexto social, a necessidade e o local onde vive. Por essa razão é importante apresentar aspectos da construção de um povo.

A região amazônica é composta por uma miscigenação de povos que influenciam a língua do povo da região, sendo um conjunto responsável pela formação de um único dialeto. A Amazônia é uma região diversificada onde cada local chega a ter suas palavras e expressões para a comunicação entre si, onde existem também a influência de pessoas vindas de outros territórios, construindo uma espécie de mistura de culturas, jeitos e falas. E assim é vista a composição do território amazônico, desde as primeiras viagens feitas à Amazônia em busca de riquezas. Partindo desse pressuposto, Souza (2019) destaca que muitas hipóteses imaginosas foram levantadas a propósito da ocupação humana da Amazônia. As mais curiosas, por exemplo, falam das audaciosas viagens de navegantes do Oriente Próximo, como os fenícios, hebreus e árabes, além dos chineses, sem esquecer o suposto comércio que os habitantes da desaparecida Atlântida teriam mantido com a região.

Assim, podemos encontrar muitas variantes linguísticas no território amazônico, com por exemplo em Parintins, uma pequena ilha no interior do Amazonas que conta com um pouco mais de 113 mil habitantes, é uma parte da Amazônia com o território que concentra muitos falantes vindos de diferentes regiões do país para compor a população da cidade por diversos motivos. Esses falantes trazem consigo suas culturas e costumes que se mesclam e compõem a região.

Partindo de tudo que foi exposto, sabemos que em uma língua, construções corretas e incorretas, melhores e piores são presentes, e costumam apresentar alguns problemas dentre as sociedades, por conta dessa vasta junção de característica, jeito e modo de expressão. É muito interessante destacar que a variação linguística é importante, pois reúne variantes da língua que foram criadas pelos homens e evoluem a cada dia, um fator que gera grande impacto para a formação de palavras e expressões.

1.2 O ESTUDO LINGUISTICO E A SEMÂNTICA

O estudo científico da linguagem humana é denominado de linguística, que é baseado em observação. De acordo com Sérgio Freire (2010), a linguística parte do pressuposto de que as línguas só emprestam de outras línguas aquilo que precisam. Palavras circulam com o campo semântico inteiro. Foi assim que no advento da

informática, em que palavras como “delete”, “mouse” e outras foram recebidas junto com a tecnologia.

O livro de Marcos Bagno (2001), “português ou brasileiro? um convite à pesquisa”, mostra que o professor tem duas opções: ensinar o português, que se apresenta como transmitir uma ideologia linguística, uma ideologia que menospreza as identidades individuais e esmaga a autoestima das citações ou estudar o brasileiro, ou seja, ter uma visão de que é preciso ir além da gramática tradicional.

Segundo Bagno (2001), o conceito de certo e errado tem origem nas “leis culturais”, que são impostas por grupos sociais dominantes àqueles grupos excluídos socialmente. Para que o autor explique esse processo de exclusão, se utiliza de argumentos históricos, pois para explicar o passado, esses fatos são válidos. Contudo, no presente não, pois a informação e o acesso ao saber antes eram restritos aos grupos sociais mais abastados e hoje todos podem ter acesso. O que não justifica expressões mal construídas como “é nois” ou “eu trusse”. No livro “nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística”, de Marcos Bagno aborda a variação da fala e ressalta que:

Como todo acontecimento, qualquer uso da língua se individualiza por idiosincrasias do locutor/ou de seu interlocutor, da situação em que se encontram, da cultura de que participam, da época em que vivem. E assim, cada uso da língua envolve um conteúdo e uma forma próprios, produzindo efeitos de forma e de sentido (como as efeitos estilísticos, por exemplo) que, mesmo particularidades, podem afetar a própria língua. Assim como o uso do cachimbo deixa a boca torta, segundo o ditado particular (Bagno, 2010, p.12/13).

A questão do tempo é importante dentro do estudo linguístico, pois conforme o tempo vai passando a língua vai se transformando e é possível observar quais as mudanças que ocorrem e quanto tempo se deu a mudança até o presente. A respeito disso, Bagno (2010, p.13), afirma:

Da mesma forma, a variação sincrônica da língua se explica também pela vida da comunidade linguística: sua distribuição geográfica peculiar, os grupos, camadas ou classes sociais que conformam, as atividades que geram demandas diversas de expressão e comunicação. Nesse sentido, a língua é servidora de muitos padrões, e certamente não presta os mesmos serviços para cada um deles, nem parece como igual a si mesma para a comunidade linguística como um todo. No entanto, numa abordagem puramente formal da variação, a geografia, a sociologia e as atividades humanas que motivam e sustentam as variantes de uma língua tendem a desaparecer, reduzidas a “tipos” de variação.

A semântica é um ramo da linguística que estuda os significados de palavras, frases, expressões e também os significados de cada um desses elementos dentro de um texto. Lima (2019, p.10) destaca que a semântica é conhecida como o “**estudo de significado**”, a semântica tem por objetivo explicar o sentido da mensagem que está sendo transmitida. A análise semântica poderá ser feita pela explicação da mensagem e por meio do olhar atento ao texto completo ou através das palavras que estão compondo a oração.

O campo de estudo da Semântica é a análise, um estudo detalhado que busca descrever o conhecimento semântico dos falantes de uma língua. Segundo Gomes; Mendes (2018, p.358), “a semântica formal adota uma linguagem específica para a expressão das condições de verdade. Sua proposta é descrever o significado por meio de uma linguagem consistente e unívoca, sem as vicissitudes da língua natural”. De acordo com Antunes:

Nos grupos em que atuamos ou naqueles com que interagindo, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar as palavras, é a curva melódica de nossas intimações; são os tipos de combinações sintáticas que fazemos (a ordem das palavras na sequência da sentença) e outros muitos itens, o repertório lexical que almejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade. (2012; p.46)

O dicionário é de grande relevância para os estudos situados nos significados das palavras, é onde podem ser guardadas memórias culturais. Assim, Antunes (2012) afirma que:

Perceber as palavras nessa dupla dimensão não parece ser habitual das abordagens que preenchem nossas aulas de língua. Somos, em ter, demasiado presos ao linguístico, ao verbo, no sentido de que nem sempre percebemos as palavras para além de sua forma n de sua classe, de sua função sintática, para situa-las no âmbito dos usos, de representação cultural, da memória social que atesta o percurso da língua. Não por acaso, no jargão acadêmico, adotamos, a expressão ‘palavras-chave’ como indicativo dos tópicos temáticos desenvolvidos no ensaio, artigo, dissertação, etc. (Antunes, 2019, p.136)

Portanto, a Semântica tem o papel fundamental para os trabalhos voltados para a área da linguística, onde se tem o objetivo de buscar pelos significados de palavras e fazer uma análise de variações linguísticas.

1.3 A SEMÂNTICA NAS AULAS DE LINGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL

A leitura é a preocupação da linguagem, pois é através da leitura que se permite a pesquisa de modo geral. A partir disso, é necessário avanços para a melhoria na teoria da linguística. A semântica entra tendo um papel muito importante. Para Gomes (2023), tradicionalmente, fomos ensinados pela escola que o uso do plural significa pluralidade/quantidade de seres ou coisas. Esse tipo de abordagem desconsidera diversos fatores importantes no estudo dos significados de uma sentença. Esses significados que irão emergir da sentença são explicados pela perspectiva da semântica formal.

O processo de formação em sala de aula é muito complexo e compete ao professor saber ensinar e influenciar o processo de aprendizagem, partindo disso, o professor é capaz de observar em seus alunos como a língua funciona e como se transforma. Segundo Gomes (2023, p. 11), “assim funciona nossa língua: as palavras se articulam em frases, que por sua vez compõem sentenças completas, as quais, por sua vez, dão materialidade a discursos imanentes de múltiplos sentidos”.

O professor é tanto observador, como também um receptor de todas as novas gírias e neologismos trazidos de fora da sala de aula para dentro, e nele consiste na tarefa de sempre ir se adaptando ao dialeto dos alunos. A primeira coisa que o professor faz ao conhecer palavras novas, gírias e dialetos é buscar por seu significado, em casos o professor passa a se utilizar das então palavras, que passam a constituir frases e então sentenças no contexto informal. Do contrário, existem professores que prezam pela gramática e semântica formal, ignorando o contexto de construção do discurso livre de um aluno. Partindo desse pressuposto, Gomes (2022, p. 270) afirma que:

Muitos educadores atualmente preconizam que a gramática seja apresentada somente através de textos, dentro de gêneros variados. Alguns educadores, equivocadamente, até defendem a abolição das aulas de gramática. O contexto discursivo contribui para situar um significado entre os passíveis de serem gerados por certa estrutura linguística. Mas o contexto discursivo faz isso manipulando elementos linguísticos. Como já dissemos, vários fatores influenciam a interpretação de sintagmas nominais. Além da presença ou ausência de morfema plural, há outros fatores a serem computados, entre eles: a estrutura do sintagma (nome nu ou sintagma de determinante), a natureza do nome (se massivo ou contável) e o tipo de sentença (se genérica ou episódica). Todos esses fatores precisam ser controlados para gerar o efeito discursivo desejado

As dificuldades que o professor encontra em uma aula de língua portuguesa é mostrar que apesar da influência que o aluno sofre do seu meio social e localidade o discurso deve ser utilizado de maneira formal em ambientes diferentes, como se a gíria não coubesse em uma entrevista de emprego por exemplo. No entanto, existem palavras que acabam compondo o dialeto de maneira despercebida, isso pode ser decorrente a forte presença da cultura local. Silva; Souza (2017, p. 264) destacam:

O desenvolvimento linguístico de uma comunidade tem relação com a sua vida social, as pressões sociais operam também sobre a língua. Toda mudança social se propaga também na língua da comunidade, há uma inter-relação entre uma e outra, sendo que tanto uma como a outra vivem continuamente em processo de transformação, que não são autônomos, mas interdependentes. Se a língua muda, não pode ser por si só. Se ela surge por necessidade social, também é necessário que ela se transforme em decorrência dela.

Durante os anos de estudos se aprende várias palavras, diferentes, porém, que carregam o mesmo sentido, são chamados de sinônimos, que permitem a troca de uma palavra por outra do mesmo sentido, sem alterar a oração e não deixando repetitiva, estabelecendo relações semânticas entre si.

Tradicionalmente, no decorrer do aprendizado escolar, aprende-se o conceito de sinônimo como a possibilidade de substituição de palavras, expressões ou enunciados, mantendo-se o mesmo sentido. Assim, trabalham-se lista de palavras com seus respectivos sinônimos, a exemplo do par bonito, belo. Essa noção de pares de sinônimos perfeitos se desfaz, apenas observando o uso da língua. Como muitos termos possuem mais de um sentido, isto é, a polissemia é uma característica das línguas em geral, em cada momento de uso de uma palavra, em cada enunciação, acionamos um sentido diferente, o que possibilita diferentes substituições. (Souza; Ferraz, 2013, p. 14)

Deste modo, os estudos sobre a semântica ampliam os conhecimentos em relação aos significados das palavras, pois a semântica é parte da gramática e contribui de forma essencial na aprendizagem linguística. Para que o aluno em aulas de língua portuguesa tenha um bom desempenho, ele precisa ter o domínio tanto da língua portuguesa, quanto o linguajar da sua região, podendo elevar o conhecimento da língua materna, despertando curiosidades e questionamentos do mundo ao seu redor.

CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Neste capítulo serão apresentadas as três fases para que essa pesquisa fosse possível. A elaboração do trabalho, a aplicação de questionários em duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Parintins e a análise acerca de tudo que foi observado comparando os questionários dos alunos e entrevistas feitas com as professoras responsáveis por cada turma, visto que o assunto abordado em todas as fases deste trabalho é voltado para as palavras e expressões parintinenses no cotidiano desses estudantes do 8º ano do ensino fundamental, em uma escola pública de Parintins.

Para esta pesquisa foi utilizada uma abordagem qualitativa, onde são consideradas as características e o contexto em que se insere cada indivíduo entrevistado dentro da pesquisa de campo. “A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (Kuar; Manhães; Medeiros, 2010, p. 27).

O método de abordagem foi o hipotético-dedutivo por necessitar de raciocínio a partir da observação, pois a partir desta observação foi possível desenvolver um estudo teórico tendo o intuito de obter conclusões. “Um ponto fundamental no Método Hipotético Dedutivo é o Problema, toda pesquisa tem origem num problema para o qual se procura uma solução, através de tentativas, conjecturas, hipóteses, teorias e eliminação de erros.” (Oliveira; Nobre; Silva; 2018, p. 39).

A pesquisa bibliográfica foi o ponto de partida para este trabalho e direcionou todo o processo. Através dela foi realizada a revisão e levantamento de obras que abordam a temática.

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. (Prodanov; Freitas ;2013, p. 55)

A Pesquisa de Campo é o ponto central deste trabalho, onde foi feita a observação, verificação, coleta e interpretação de dados, para explicar o vocabulário tão diversificado da região e suas variações linguísticas.

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 60), “como qualquer outro tipo de pesquisa, a de campo parte do levantamento bibliográfico. Exige também a determinação das técnicas de coleta de dados mais apropriadas à natureza do tema e, ainda, a definição das técnicas que serão empregadas para o registro e a análise”. Os critérios para selecionar o material foi por meio do título, resumo, sinopse, sumário, introdução, qualquer informação que esteja relacionada com a temática da pesquisa. A realização da leitura do material foi centrada em:

- Separar os livros de leitura imediata (as obras principais que são a base para compreensão do tema da pesquisa);
- Destacar as principais ideias do texto, utilizando o fichamento;
- Fazer a coleta de argumentos necessários para fundamentar as ideias do projeto;

A principal técnica para a leitura do material bibliográfico neste trabalho foi o fichamento das obras relacionadas ao tema, onde são destacadas as ideias principais, facilitando o processo de análise. Em seguida, foi dado andamento na elaboração da pesquisa dando continuidade em relação aos estudos das palavras e expressões da região de Parintins.

Foi realizada a pesquisa de campo, para coleta de dados, através da aplicação de questionários para duas turmas de 8º ano de Ensino Fundamental em uma escola da rede pública de Parintins, no mês de julho de 2022, foram coletadas também palavras e expressões que fazem parte do vocabulário da região, para que ao final desta pesquisa seja apresentado o levantamento de todas as palavras e expressões que contêm nos questionários e seus respectivos significados.

E por meio desses procedimentos foi realizada da melhor forma a pesquisa, demonstrando a grande importância em conhecer o vocabulário utilizado pelo grupo de alunos do 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola de Parintins.

CAPITULO III: ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 ELABORAÇÃO, APLICAÇÃO E ANALISE DA PESQUISA [subtítulos não são em caixa alta]

Neste capítulo serão apresentadas as três fases para que essa pesquisa fosse possível. A elaboração do trabalho, a aplicação de questionários em duas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental em uma escola pública do município de Parintins e a análise acerca de tudo que foi observado comparando os questionários dos alunos e entrevistas feitas com as professoras responsáveis por cada turma, visto que o assunto abordado em todas as fases deste trabalho é voltado para as palavras e expressões parintinenses no cotidiano desses estudantes do 8º ano do ensino fundamental, em uma escola pública de Parintins.

Assim, para que o trabalho fosse efetuado foi preciso a organização de um plano de pesquisa, e após iniciou-se a elaboração de um pré-projeto voltado para as palavras e expressões parintinenses, que foi pensado a partir de uma aula de semântica na Universidade do Estado do Amazonas.

Dando continuidade de todo o planejamento, primeiramente, foi feita a escrita do projeto, em seguida, o projeto foi colocado em prática com a coleta de dados. Depois, foi feita a análise de dados e, finalmente, a montagem da comunicação científica da pesquisa, por meio da presente monografia com intuito de coletar os dados tendo em vista a forma que os alunos se comunicam entre si no dia a dia na escola e como as professoras A e B conduzem as suas aulas, seminários e demais trabalhos de exposição quando os alunos se utilizam de gírias e neologismos.

É importante destacar que a escola a qual os questionários foram aplicados é uma escola de tempo integral. O aluno costuma inovar seu linguajar com uma variação de palavras e assim como a gíria está de forma muito presente em sala de aula, há palavras que são presentes no discurso que são comuns dentro do contexto social que vivem e passam despercebidas.

Em Parintins, onde a pesquisa se passou, é comum ouvirmos palavras e expressões como *curumim*, *cunhatãe*, *olha já*, *é mermo é*, *égua mana*, *será leso*, e assim segue a lista infinita de uma linguagem amazônica. Isso é tão arraigado na fala do parintinense que causa estranhamento aos que não conhecem, e vice versa, a questão é se adaptar ao dialeto local. A mesma coisa acontece quando um parintinense sai do seu ambiente social, muitas vezes ocorre o preconceito linguístico em decorrência da maneira de falar, de utilizar as palavras. Um exemplo é o uso da palavra flal (flau) ou dindin, em qualquer lugar de Parintins é utilizado o termo “flal”, se um manauara usar o termo dindin, o parintinense já identifica que é pessoa de outra

cidade, e assim acontece também ao contrário. A pessoa se adapta, influencia e é influenciado dependendo do seu meio social.

Nas turmas de 8º ano do Ensino Fundamental pode-se observar que cada uma expôs algumas palavras que até então não tinham sido ouvidas pelas professoras, no entanto, grande parte dos alunos já conheciam.

3.2 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

O questionário foi aplicado em duas turmas do 8º ano do ensino fundamental em uma escola da rede pública de Parintins na data dos dias 28 e 29 do mês de julho de 2022, contendo 8 perguntas sobre o tema desta pesquisa. Esse questionário foi elaborado de forma geral baseado em perguntas simples, que pudéssemos identificar seu aspecto social, financeiro e questões pessoais. Fatores estes que influenciam nas variações linguísticas. Ao ser aplicado notou-se que os alunos ficaram bastante à vontade em relação ao assunto e foi possível notar que em sala a linguagem das gírias predomina.

No total 51 alunos responderam ao questionário, que continha as seguintes questões: 1) você é de Parintins? 2) Em que bairro você mora? 3) Qual a profissão dos seus pais? 4) Para você é difícil dominar a língua formal durante apresentações de seminários ou em debates em sala de aula? 5) Você costuma escrever da mesma maneira que fala? 6) Você usa muitas gírias e analogismos no seu cotidiano? 7) Você já sofreu preconceito linguístico? 8) Para contribuir com esta pesquisa você pode citar algumas palavras ou expressões de Parintins que você utiliza na sua casa ou com amigos no seu dia a dia?

Diante da questão 1) você é de Parintins? Buscou-se saber se aquele respectivo aluno pertence à cidade de origem da pesquisa ou teria se mudado para morar nesta cidade. 40 alunos responderam que sim e 11 responderam que não. A esta questão em que é importante acompanhar as próximas respostas pré-adolescentes que teriam se mudado para Parintins. E verificar como foi a adaptação em torno das variedades de palavras que conheceram e passaram a utilizar. Visto que a pessoa ao mudar de cidade pode sofrer influência de variações linguísticas, pois o modo como as pessoas falam pode variar de acordo com a região e também com quem convivem. Segundo Ferreira e Lima (2008, p.5), os dialetos se diferenciam de região para região dependendo da localidade. Num estudo dialetológico leva-se a

consideração não somente a forma como se fala, mas também a região geográfica onde o dialeto é explicitado.

A questão 2, se trata da localidade em que o aluno mora, onde fosse possível fazer levantamento de qual área da cidade as crianças residem e também acerca disso saber quais são os ambientes em que as crianças vivem. A maioria dos alunos das duas turmas moram em bairros afastados do centro da cidade, 11 alunos moram no bairro do Itaúna, 9 no Paulo Corrêa e 8 no bairro da União, todos estes são bem próximos e ficam localizados na zona sul de Parintins. Bairros bastantes populosos e que também tem a maior parte da população de baixa renda do município, nas redondezas tem feiras, bares e algumas escolas, mas não podemos deixar de destacar o alto nível de criminalidade existente nessas localidades.

E todos os dias os alunos enfrentam cada um uma realidade diferente em que alguns momentos é papel da escola intervir. Se encontram muitos alunos em sala de aula agressivos e desacreditados de um futuro promissor, onde os próprios trazem também para seu convívio escolar as famosas gírias e expressões de suas localidades, tem também os alunos que saem de seus bairros e participam das manifestações culturais da cidade como principalmente a do boi bumbá, que também são ambientes que concentram muitos jovens que acabam influenciando uns aos outros no modo de vestir, dançar, de se expressar e falar. Quando isto é trazido para sala de aula não deve ser ignorado, mas trabalhado da melhor forma. De acordo com Ferreira (2008, p.5), “a cultura é fator primordial no desenvolvimento linguístico do indivíduo, por isso deve ser respeitada [...]”. A escola deve propor o dialeto-padrão e trabalhar o reconhecimento do aluno quanto a este dialeto, conscientizando-o que ao buscar uma vida melhor através dos estudos ele irá precisar deste dialeto de prestígio.

A questão 3 está relacionada aos pais dos alunos, se possuem empregos e a resposta da maioria foi que sim, sendo 36 alunos com os pais empregados e 13 desempregados. Esta questão nos possibilita saber se o aluno passa por dificuldades financeiras e se o impede de ter acesso a uma educação interfamiliar, na ocasião de os pais serem desempregados e não terem tido o privilegio dos estudos, os levando ao analfabetismo, não podendo assim auxiliar o filho nos estudos e também de uma maneira sutil, suponhamos que eles influenciam em certas falas, por conta do convívio. Entre os 13 alunos houve quem disse que a mãe é dona de casa e o pai trabalha como pedreiro, borracheiro etc.

A questão 4 foi a seguinte: para você é difícil dominar a linguagem formal durante uma apresentação de seminário ou em debates em sala de aula? 36 alunos responderam que sim, que em apresentações de seminários ou qualquer exposição feita em sala de aula sentem dificuldades em falar formalmente e então se expressam da forma que usam para se comunicar no dia a dia, o que se pode observar que a maioria, mais de 50% dos alunos não dominam a forma padrão exigida pela escola o que os prejudica automaticamente, no entanto, também tem o lado do professor ao avaliar as diversas situações. Esta questão está relacionada ao sentido de como é trabalhado a questão do “erro” em uma aula de exposições como seminários, e o que é ou não considerado “errado” pelo professor. Porém, pode-se perceber que os alunos tendem a mudar seus discursos para se expressarem melhor em suas apresentações em sala de aula e muitas vezes ignoram a linguagem regional para somente se utilizarem da linguagem padrão. Também o julgamento muitas vezes parte dos próprios colegas de classe, ao soltar um “tipo isso”, “mano” ou “mana”, “tá ligado”, etc. Abre-se um momento para gargalhas durante a aula, levando o aluno expositor ao questionamento ou até mesmo afirmar que cometeu um erro.

Deve-se entender que a função da escola não é ensinar língua, pois, como dito, o indivíduo a aprende naturalmente a partir do convívio familiar, mas sim conciliar o dialeto que o aluno já sabe com a variante culta que ele também deve aprender, a fim de ampliar seus saberes linguísticos, através do conhecimento de formas de expressões consideradas de prestígio pela sociedade. Isto deve ser feito considerando e valorizando a realidade linguística do aluno. (Lima, 2008, p.43)

A questão 5 busca saber se os alunos costumam escrever da maneira que eles falam, quando 25 alunos responderam que sim e 26 disseram que não escrevem da maneira que falam. É possível observar através destes números que a maioria respondeu não, sendo assim, é correto afirmar que grande parte desses alunos consegue conciliar a questão da fala com a escrita. E dominar esses dois elementos é muito importante para a vida escolar de um aluno. A escola sabendo direcionar, a linguagem regional e as tantas demais não corre risco de serem esquecidas por seus falantes, e passam a ser mais valorizadas, onde a língua padrão se torna apenas mais um componente importante usada em situações formais, como em ambiente de trabalho e demais locais.

Para o restante dos alunos basta um processo a ser trabalhado e explorado em sala de aula, como em possíveis debates. Para o professor de Língua Portuguesa é um desafio fazer com que o aluno aprenda a separar as duas situações e que o próprio aluno esteja disposto a aprender também, levando em consideração o respeito em relação aos dois tipos de linguagem, pois o linguajar regional é rico em palavras e expressões e é também um elemento importante para a identidade local, quem nunca foi identificado como parintinense ou identificou um conterrâneo pela expressão “olha já”, que é bastante conhecida na região. Segundo Freire (2011, p. 22), partimos da premissa de que ao aluno deve ser proporcionado o acesso à língua padrão e cabe à escola essa experiência.

O professor que souber aproveitar a capacidade do aluno de ser poliglota em sua língua atingira dois objetivos desejáveis para a escola de hoje: respeitará a diversidade constitutiva do social, ampliando no aluno a consciência da sua identidade linguística e, por tanto, de ser sujeito no mundo e proporcionará momentos de acesso real do aluno à chamada norma padrão, a norma de investimento nacional, possibilitando igualmente a inserção desse aluno em universo social cuja a barreira, além de econômica, se faz muito forte e marcadamente pela linguagem. (Freire, 2011, p. 20).

Na questão 6 a pergunta gírias a seguinte: Você usa muitas gírias e neologismos no seu cotidiano? A resposta de 44 alunos foi que sim e 7 disseram que não, ou seja, a maior parte assume que se utilizam das gírias atuais que compõem o vocabulário do grupo social da faixa de idade dos entrevistados. Podemos observar que o domínio de gírias em sala de aula é demasiadamente exagerado por ser também a linguagem que mais gostam e se identificam. “A gíria é uma matéria-prima presente na oralidade do aluno em sala de aula e que poderia ser aproveitada pelo professor com o objetivo de demonstrar os processos constitutivos e constituintes da linguagem” (SILVA, 2018; p.5). Existem também outros termos que passam despercebidos, porém usados quase sempre, isso acontece de forma natural, como várias palavras vindas do vocabulário indígena, como *tucupi*, *curumim*, *cunhatãe*, *açúcar*, *caça*, *pitiú* e tantas outras comuns no linguajar amazonês. E, os neologismos [explique esse fenômeno necessário à vitalidade da língua, em nota de rodapé] que sempre aparecem, onde correm novos termos ou expressões da língua, muito presente dentro das salas de aula.

A questão 7 é: Você já sofreu preconceito linguístico? 49 de todos os alunos que participaram do questionamento responderam que sim, que já passaram por

situações desagradáveis ao pronunciarem ou utilizarem palavras pertencentes ao dialeto amazonense. Para Bagno (2009; p.51), “todo falante nativo de uma língua sabe essa língua. Saber uma língua, na concepção científica da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela.”

A questão 8 pede a contribuição para que citem algumas palavras e expressões utilizadas em Parintins, quando muitos se entusiasmaram em torno da questão, pois ela apresenta um desafio a cada um, o de pôr algumas das diversas palavras que eles utilizam em sala de aula. Muitos colocaram novas palavras, que nem mesmo a professora sabia os significados, mas grande parte dos alunos conhecia. As gírias foram as mais usadas nessa pergunta, encontramos desde as mais conhecidas, até as menos conhecidas como: “rataram”; “tá apelando”; “dá o grau”; “já é”; “é nós”, entre outras.

É notório que as gírias são muito fortes no linguajar de cada aluno e o quanto eles tomam como estilo cada palavra e expressão. Também é possível observar que outras palavras conhecidas da região aparecem como: “caldeirada”; “acesume”; “papagaio” que é “pipa”; “brocado” etc.

3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS COM AS PROFESSORAS DE LÍNGUA PORTUGUESA RESPONSÁVEIS PELAS TURMAS.

A pesquisa aqui descrita, como já foi citada a cima, foi feita em duas turmas de 8º ano do ensino fundamental, sendo que cada turma tinha uma professora responsável pela disciplina de Língua Portuguesa, ambas identificadas na pesquisa como professora A e a outra como professora B.

A professora A respondeu a seguinte pergunta: **se nota com frequência nas aulas de Língua Portuguesa discursos dos alunos usando palavras e expressões regionais, neologismos e gírias?** A professora respondeu da seguinte forma: *“o aluno tem que dominar as gírias do seu meio social de amigos, de adolescentes, mas que em certos horários como em apresentações que é cobrado a língua da modalidade formal” [quando se trata da ‘fala’ do entrevistado, precisa ser transcrita entre aspas e itálico].* A professora B, também destaca em relação a esta mesma pergunta que *“Apesar de perceber o uso de diversas linguagens tanto nas aulas ou em conversas aleatórias, a linguagem tem que ser utilizada em ambiente*

propício”. Temos em vista que as duas professoras não buscam oprimir as falas dos seus alunos, mas buscam cobrar a linguagem formal em algumas situações. Sendo assim, elas tentam instruir da melhor forma para seus alunos que podem fazer uso da linguagem informal, sendo ela a regional, as gírias ou neologismos, no entanto, é preciso que tenha em algumas situações a utilização da linguagem formal, que é a exigida em entrevistas de emprego, na faculdade e em outras situações da vida de cada um.

O problema é histórico, tem um caráter social marcado pela divisão de classes, são fatores que repercutem na língua com capacidade de estereotipá-la. Em meio a tudo, o professor não tem como obrigatoriedade seguir a gramática normativa e o livro didático como únicos meios de metodologia de ensino, ele deve abrir espaços para acompanhar a dinâmica, muito em decorrência da contemporaneidade em que estamos envolvidos, pois senão o próprio corre o risco de estereotipar-se ultrapassado. A escola não acompanhou a evolução linguística didaticamente e a gramática está inerte com apenas mudanças de acordos ortográficos, que são lentos e de caráter político; e, ainda, não se remetem a mudanças em decorrência da oralidade dos falantes. Com tantos empecilhos que fogem à individualidade, o profissional de ensino aplica uma resistência a possíveis métodos de aprendizagem inovadores, e percebe-se neste prisma, um receio em perder o espaço, fato que também ocorre na implementação de tecnologias educacionais. O professor e a escola jamais serão substituídos, tamanha a sua importância para uma sociedade pensante. O que se propõe são inovações que acompanhem as mudanças linguísticas visto que os alunos se encontram nestas enquanto sociedade: em casa, na rua, com os amigos, etc. (Silva, 2018, p.8)

Dando continuação às entrevistas [há momentos em que vc usa o termo ‘questionário’, em outros, vc trata de entrevista...] foi questionado às professoras, quais dificuldades são enfrentadas por elas ao ter contato com palavras e expressões diferentes através dos seus alunos? A professora A respondeu que *“o aluno não tem a consciência de quantas variações ele pode dominar, então o papel enquanto professora é instruí-los a saberem diferenciar”*. A professora B disse *“que a partir que o aluno utiliza com frequência muitas gírias e neologismos, se torna difícil controlar a forma como expõe trabalhos e até mesmo quando escrevem suas produções textuais, sendo assim é como se fosse obrigatório chamar atenção, conversar sobre como todos devem se comprometer com o trabalho visando a linguagem padrão.*

Para a gramática normativa, a língua é algo invariável e toda forma de linguagem que se distancie da forma culta é tida como errada. Nesta concepção, a gramática só trata da variedade linguística, quando esta está inserida na norma culta prescrita nos manuais. Portanto, nesta

concepção, tudo que foge ao padrão da Língua Portuguesa é considerado agramatical ou não-gramatical, pois a gramática é considerada um manual que rege o bom uso da língua para quem almeja se expressar “corretamente”. (SILVA, 2020, p.5)

Em seguida foi perguntado às professoras se é possível identificar através de seminários ou discussões em sala de aula o uso de gírias e expressões utilizadas na região? A professora A respondeu: *“eu sempre paro para observar ao longo das aulas e é bastante presente o “oi mana”, “será leso”, expressões que às vezes acabam em algum momento da aula, no meio do seminário ou no momento de debates”*. A professora B diz que: *“apesar de ter bastante aluno falando de maneira informal ou se utilizando de gírias, compreendo que é difícil cobrar o padrão formal da língua, porém é necessário que se alerte o estudante a respeito”*. [isso é bom ou ruim para o professor?].

Para que o aluno tenha êxito em vestibulares e em entrevistas de emprego, se entende que realmente seja trabalhada a norma padrão da língua nas salas de aula, visto que também é proposta da escola preparar o aluno para uma vida profissional. Em contra partida o professor de Língua Portuguesa se depara com mais um dos desafios dado a ele em sala de aula, o de preparar o aluno de maneira que ele saiba se utilizar da norma padrão, sem desprivilegiar a variante linguística dominante do aluno, ou seja, a da local.

Em sala de aula, o professor deve respeitar as variações linguísticas que o discente usa para se interagir em seu meio, mas também é seu dever ensinar-lhe a norma padrão, uma vez que a maioria dos alunos só a aprende no ambiente escolar. Além disso, ela não deve ser ensinada como uma imposição, seja na esfera social, econômica ou cultural. O discente deve ter a autonomia para se expressar por meio da variante padrão. (Braga; 2021; p.11).

A pergunta seguinte foi como, enquanto professora, reage diante de apresentações e debates quando identifica palavras ou expressões fora da linguagem formal? A professora A, destaca que *“não impeço a utilização de gírias e neologismos, mas que fica em aberto para que comecem desde cedo diferenciarem”*. A professora B, também diz *“que não tem proibições em torno das apresentações, porém exige bons resultados e que os alunos saibam diferenciar”*.

Partindo disto, podemos observar que as professoras sabem lidar com a situação e não dizem se é certo ou errado, apenas alertam para que seus alunos entendam e dominem as variantes e que saibam usar em momentos e lugares adequados de fala.

3.4 PALAVRAS E EXPRESSÕES A PARTIR DOS QUESTIONÁRIOS DOS ALUNOS

Através do questionário foi possível coletar diversas palavras e expressões, que possibilitaram uma lista com as principais utilizadas pelos alunos de 8º ano em uma escola de Parintins. Muitas derivam de outras palavras e algumas tem significados referente a ações de animais ou pessoas.

Para que uma determinada palavra seja analisada precisa-se levar em consideração o contexto social e o contexto extralinguístico que ela se insere. Durante a coleta de dados, se percebeu que além do ambiente escolar, muitos alunos tem origem humilde, moram em bairros com alto índice de criminalidade e que são afastados do centro da cidade de Parintins.

A seguir, a exposição de algumas palavras e expressões e seus significados, coletados a partir do questionário aplicado as turmas de 8º ano.

A palavra “afinando” para os alunos das respectivas turmas tem o significado de “desvalorização”, um sentido de conotação, sendo empregado na seguinte frase: Você está afinando, ou seja, está desvalorizando. O sentido de afinar algo, ficar menor, fino.

A criatividade da comunidade linguística em fazer analogias, associações e até mesmo usar o mesmo vocábulo, para descrever distintos eventos e objetos do mundo se deve a interação social. É importante lembrar, que a conotação não é a criação de novas palavras, ou expressões, mas sim a atribuição de um novo sentido as formas já existentes. (Barrone; Santos; Souza; 2008, p. 69)

A palavra “bagulho”, refere-se a acúmulo ou a cigarro, dependendo do contexto que está sendo utilizada. Por exemplo, na frase: Tem muito bagulho aqui, a palavra em destaque está se referindo a coisas ou a objetos. Ao contrário da frase: Me arruma um bagulho aí; que se trata da forma como usuários chamam drogas ou algum entorpecente.

Dentre tantas palavras, a palavra “bacaba” para os alunos é usada em uma frase como: É bacaba tua, se refere à mentira. No entanto, a palavra bacaba é o nome dado a uma fruta da região, porém não se sabe o motivo dela nesta frase ter o significado de mentira, mas que se trata de uma frase local muito utilizada pelos jovens.

Assim também como a palavra “beleza”, que entre os alunos tem o significado de legal. Sabemos que beleza é referente a algo bonito, no entanto na frase: Tá beleza, se refere a tá legal, bacana, que é uma gíria muito popular dentre os jovens, desde muito tempo, que não deixa de ser utilizada, e segundo as professoras entrevistadas para esta pesquisa é muito presente na sala de aula. Se tratando de uma palavra conotativa, podendo adquirir outros significados de acordo com o contexto que é empregada.

Dando continuidade, a expressão “Boto fé” é usada entre os jovens das turmas para se expressar confiança. Por exemplo: Boto fé em você, é o mesmo que confio em você. Isso segundo eles, boto fé por conta de fé, ser um termo de confiança a Deus, significado de ter muita fé, por isso tal expressão.

A palavra “cacete”, também é utilizada com frequência em referência a tamanho, algo bem grande, se tratando do sentido de ambiguidade dependendo do contexto que é inserida e por também poder ter mais de uma interpretação possível.

A expressão “de boa” tem como significado tá bom ou ok, segundo os alunos. Boa, algo bom, que também tem um segundo tipo de expressão, porém contendo o mesmo significado que é o “tá suave”.

Até aqui pode-se notar as variedades de gírias que fazem parte do dia a dia de todos os alunos pertencentes a essas duas turmas de 8º ano. A grande parte dos alunos mostraram dominar o mundo das gírias e isso pode está diretamente ligado ao contexto social de cada um, onde a escola se torna um ponto de socialização desses alunos e todos os dias é um ponto certo de encontro e comunicação.

Prosseguindo a análise, a expressão “da rocha”, vem se referir a verdade, uma afirmação concreta, concordar, partindo de que rocha é algo sólido, um fato, algo que pode ser tocado, tendo um sentido denotativo. De acordo com os alunos um exemplo comum é a frase: Da rocha mano; seria o mesmo que: verdade mano.

Outro tipo de expressão popular entre os alunos é “dú vera”, que significa apostar ou também podendo conter o significado de determinada situação ser verdadeira, dependendo do contexto e situação que se insere.

Nesse aspecto, é relevante observarmos que uma gíria é expressão de grupo, normalmente com alto grau de estigmatização, que pode perder sua característica de uso restrito, passando ao uso comum com menor estigmatização. Em razão desse processo, como nos exemplos constantes do Dicionário Houaiss, uma gíria pode inserir-se no âmbito da língua informal/comum/familiar e, a partir do aceite da comunidade

linguística, já classificada como linguagem comum, passar até a um uso mais formal, chegando mesmo a figurar como uso culto. (Valadares; 2011; p.40)

- Exemplo: Quer ir dú vera? → quer ir apostar?

Isso é dú vera mesmo? → Isso é verdade mesmo?

A palavra “ferrado” se refere a alguém que foi picado por algum inseto ou animal, mas também os alunos se utilizam dela em discurso informal para alertar alguém que vai se dar mal.

- Exemplo: tá ferrado. (vai se dá mal)

A expressão “foi mal”, serve como forma de pedir desculpas a alguém, sendo que a expressão também pode ser compreendida como uma notícia ruim.

- Exemplo: Foi mal ai, ou você foi mal na prova.

Uma palavra que faz parte do linguajar local e que também vem passando de geração em geração e ainda hoje é falada em Parintintins e pelos alunos é a palavra “fuxicar” que no vocabulário do parintinense significa fofocar.

- Exemplo: A senhora já vai fuxicar pros outros?

Passando a diante para outra palavra, temos como parte do vocabulário dos alunos a palavra “larica” que contém o significado de fome; dentro de um discurso informal, a pessoal estamos com muita fome.

- Exemplo: Eu estou com uma larica.

E aqui para encerrar essa seleção de palavras e expressões, apresento a palavra “rataram”, que foi a campeão entre tantas, de repetições em quase 99% dos questionários respondidos. Esta palavra tem o significado de roubar, que observando bem é semelhante a palavra rato, e segundo os alunos foi uma adaptação em função da ação que o rato comete, que é o de roubar comida. Então levando isto para dentro da sala de aula e usando um exemplo sugerido pelos próprios alunos, a palavra rataram inserida em uma frase ficaria: Rataram a minha caneta, professora. Ou seja, roubaram algo, um objeto.

Portanto, a partir dos questionários que foram tiradas estas palavras e expressões a cima, onde todas fazem parte do dia a dia dos alunos que fizeram parte desta pesquisa e também de muitos parintinenses, inclusive dos professores, principais responsáveis pela educação e que presenciam todos os dias o comportamento de seus alunos e suas formas de comunicação. Quando o linguajar local é valorizado e apreciado pelos próprios falantes, é enriquecido cada vez mais.

Assim, o aluno não vai se sentir omitido e errado, ao contrário, o aluno vai cada vez mais sentir-se a vontade de se expressar da sua maneira, sem deixar de aprender a língua padrão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi descrita uma pesquisa, cujo objetivo foi estudar palavras e expressões parintinenses usadas no cotidiano dos estudantes do 8º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Parintins. Assim, foi possível saber se os estudantes poderiam ser prejudicados em relação ao ensino da língua padrão cobrada das escolas e como funciona o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula, a partir do ponto de vista do professor.

O objetivo desta pesquisa foi direcionado para análise de palavras e expressões parintinense no cotidiano dos estudantes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Parintins. Onde, foram coletados dados e repostas de cada aluno presente no respectivo dia de aplicação de questionário.

A partir das respostas dos questionários foi possível ser feita a identificação das palavras e expressões parintinense usadas pelos estudantes e também questões de contexto social de cada um. A partir disto, foi feita a análise, identificando os significados de cada palavra e expressão que continha nos questionários.

Também neste trabalho foi feita uma entrevista com as professoras responsáveis de cada turma para que fossem apontadas as possíveis dificuldades enfrentadas por elas, professoras de Língua Portuguesa, em sala de aula.

Foi apresentada uma análise de palavras e expressões selecionadas e retiradas dos questionários, pois são o destaque desta pesquisa, dando a oportunidade e um olhar de valorização para o estudo sociolinguístico em torno do [de especificidades do falar parintinense.

A pesquisa mostrou que as gírias são populares entre os adolescentes que cursam o 8º ano do Ensino Fundamental, onde muitas palavras e expressões são conhecidas e compartilhadas entre eles no ambiente escolar sendo repassadas aos demais colegas que fazem parte do grupo social dos mesmos. Mostrou-se também como os professores lhe dão com as dificuldades encontradas em sala de aula em relação ao ensino nas variantes linguísticas e o quanto é importante o respeito sobre elas.

Assim, o desafio do professor de Língua Portuguesa é maior por ter o compromisso com o ensino da gramática e com a língua padrão, sem precisar obstruir ou dificultar para que o aluno aprenda, mas sim abrir caminhos para utilizarem seu

linguajar regional dentro de sala de aula, deixando-os livres para se expressarem fazendo uso de suas palavras e expressões.

Portanto, esta pesquisa é importante para o parintinense de modo geral, principalmente para a população e para aqueles que apreciam e quiserem conhecer um pouco mais das palavras e expressões de Parintins. Não se limita somente para professores de Língua Portuguesa e para alunos, mas também para aqueles que se interessam pelo estudo da semântica e linguística. É uma pesquisa enriquecedora, que aborda e procura valorizar também as raízes do caboclo parintinense e sua identidade linguística.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.
- ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** São Paulo. Editora: Parábola, 2001.
- _____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia de variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007;
- _____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 52ª edição. Outubro 2009. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.
- BARONI; Gabriele de Couto; SANTOS, Ione Aires; SOUZA, Josiane da Silva. **Léxico e Semântica: denotação e conotação abordagens e reflexões a cerca dos efeitos de sentido**. Cadernos CNLF, Vol.XI, nº 11, Rio de Janeiro; 2008;
- BRAGA, Luciana Souto e. **Preconceito linguístico na sala de aula: investigando suas ocorrências e trabalhando por sua eliminação – 2021**;
- CANÇADO, M. **Manual de Semântica**. São Paulo: contexto, 20012.
- FERREIRA, Lúcia Gracia; LIMA, Daniel Fernandes. **Linguagem, Cultura e Educação**. Concepções: Revela. Período de divulgação científica da FALS. Março de 2008.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia Científica ao alcance de todos**. 3. Ed. Manaus, AM: Valer, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 41.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- FREIRE, Sérgio. **Amazonês: Palavras e Expressões e termos usados no Amazonas**. Manaus. Editora: Valer 2011.
- GOMES, Ana Paula Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para conhecer a Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018, 2020.
- GOMES, Ana Paula Quadros. **Explorando o significado em sala de aula**. 1 ed. Campinas, SP: Pontes editora, 2023.
- GOMES, Ana Paula Quadros. **Contribuições da semântica formal para o ensino de língua materna: a quantidade nominal**. Revista Linguística, Rio de Janeiro, 2020.
- LIMA, Cleane. **Parte da Linguística que estuda o significado das palavras**. Educa + Brasil; 2019.

LIMA, Merianne da Silva. **A variedade coloquial do português Brasileiro e o ensino da língua portuguesa no ensino fundamental de 5º a 8º série**. Parintins- AM; 2008.

MENDES, Eber da Cunha. **Métodos e técnicas de pesquisa**. Serra, ES: Centro de Ensino Superior Fabra, 2016.

OLIVIA, Debora Regina Soares de; NOBRE, Gelcimara de Lima; OLIVEIRA, Lucia Helena Soares de; SILVA, Cirlande Cabral da. **O método hipotético dedutivo no ensino fundamental**. Revista REAMEC, Cuiabá – MT, v.6, n. especial, 2018.

PODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Emanicesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2º edição. Editora Feevale, 2013.

SÁ, Edimilson José de. **Estudos de variações linguística: o que é preciso saber e por onde começar**. São Paulo: Texto novo, 2007.

SILVA, Paulo Cesar Garré; Souza Antônio Paulino de. **Língua e sociedade influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v.10; 2017.

SILVA, Daniel da Rocha. **Fala e escrita de gírias: análise, descrição e possibilidades em sala de aula**. Relacult – Revista Latina Americana de Estudos em cultura e sociedade; v. 04. Nº 01, jan-abr, 2018.

SILVIA, Lygia de Assis. **Como trabalhar a variação linguística na sala de aula?** Conedu. VII congresso Nacional de Educação – Maceió – AL. 2020.

SILVIA, Rosa Virginia Mattos e. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: parábola editorial, 2004.

SOUZA, José Wellisten Abreu; FERRAZ, Mônica Mano Trindade. **Semântica e ensino de língua portuguesa: Uma proposta de análise dos documentos direcionadores nacionais**. Anais do SILEL. V.3, N. 1 Uberlândia: EDUFU, 2013.

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia**. Eletrônico: do pré-colombiano aos desafios do século XXI. 1. Ed. Rio de Janeiro. Record, 2019.

VALADARES, Flavio Biasutti. **Revisando a noção de gírias: do conceito à dinarização**. Domínios de línguazem. Revista Eletrônica de Linguística. Volume 5, 5º1- 1º semestre, 2011.